

PERCEPÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE BASE ECOLÓGICA DO TERRITÓRIO ZONA SUL, RS, SOBRE A IMPORTÂNCIA DA VEGETAÇÃO ESPONTÂNEA

Leticia Hellwig⁽¹⁾; Patricia Braga Lovatto⁽²⁾; Carlos Rogério Mauch⁽³⁾; Carlos Alberto Medeiros⁽⁴⁾

⁽¹⁾Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS – Brasil. E-mail: leticia_hellwig@hotmail.com; ⁽²⁾Pesquisadora em pós-doutorado DOCFIX FAPERGS/CAPES no Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS – Brasil; ⁽³⁾Professor Programa de Pós Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS – Brasil; ⁽⁴⁾Pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Rodovia BR-392, Km 78, 9º Distrito, Monte Bonito, CEP: 96010-970, Pelotas, RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

Desde o início da agricultura e da pecuária, as plantas que infestavam espontaneamente as áreas de ocupação humana eram consideradas indesejáveis e recebiam o conceito de “daninhas”, pois interferem prejudicialmente nas atividades agropecuárias. Entretanto, tem sido cada vez mais reconhecido que espécies de “plantas daninhas” estão desempenhando um papel fundamental para a manutenção de funções ecológicas benéficas dentro dos agroecossistemas, principalmente os de base ecológica, de modo que não pode ser compreendida apenas pelos efeitos negativos que causam aos cultivos, mas pelos processos de interação com o ambiente e pelos benefícios que as mesmas podem trazer, dentro desse contexto, essas plantas podem ser denominadas também de “vegetação espontânea” (PITELLI; PITELLI, 2004; LORENZI, 2008).

Dentre os principais benefícios da vegetação espontânea estão: aporte de matéria orgânica, proteção do solo contra a erosão, ciclagem de nutrientes, ação alelopática sobre nematóides e insetos, atividade biológica na zona das raízes, potencial medicinal e comestível, indicadores da qualidade do solo, além de proporcionarem recursos vitais para a sobrevivência e reprodução de insetos benéficos e servirem como barreira física e/ou químicas que dificultam a localização, a reprodução e/ou a colonização da cultura hospedeira pelos insetos indesejados (ALTIERI; SILVA; NICHOLLS, 2003; TELES et al., 2013).

É inquestionável que a vegetação espontânea estressa as culturas através dos processos de interferência e competição, todavia, evidências substanciais indicam que a presença de plantas espontâneas em campos cultivados não pode ser pré-julgada como danosa e, por vezes, não requer controle imediato. Portanto, dentro do contexto agroecológico é fundamental o estudo dos potenciais usos das plantas espontâneas, bem como as suas interações com o meio e os efeitos nocivos (BÀRBERI et al., 2010). Sendo assim, através do entendimento dos mecanismos das interações das espécies espontâneas nos agroecossistemas, os agricultores podem manejá-los adequadamente e potencializar os seus efeitos positivos, de forma que reduzam a necessidade de insumos externos.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi avaliar a percepção dos agricultores de base ecológica do Território Zona Sul, RS, sobre a importância da vegetação espontânea.

MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento foi realizado de janeiro a julho de 2016, em unidades de produção familiar distribuídas em cinco municípios do Território Zona Sul, RS, assessoradas pelo Centro de Apoio e Promoção a Agroecologia - CAPA/Pelotas - RS.

Inicialmente foram realizados encontros com os grupos vinculados à Cooperativa Sul Ecológica e à Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Zona Sul – ARPA-Sul, em conjunto ao Centro de Apoio e Promoção a Agroecologia - CAPA e Embrapa Clima Temperado, para exposição do trabalho e trocas de informações com os grupos de agricultores pré-estabelecidos. A partir da discussão coletiva sobre o assunto foi proposta a realização de entrevistas e visitas individualizadas às propriedades a

partir da identificação e disponibilidade (adesão voluntária). A pesquisa participante contou com oito grupos/associação de agricultores (Tabela 1), onde foram identificados, em conjunto com os grupos, 21 informantes-chave da pesquisa (CUNNINGHAM, 2001). A técnica adotada foi a utilização de questionário visando estabelecer o perfil dos informantes-chave e entrevista com perguntas pré-estabelecidas e semi-estruturadas (MINAYO; DESLANDES, 2002) de modo a possibilitar o entrevistado fazer comentários diversificados.

Tabela 1. Grupos associativos que compuseram a pesquisa participante e seus respectivos municípios de origem no Território Zona Sul, RS.

GRUPOS	MUNICÍPIO(S)
Monte Bonito, Municipal, Triunfo e Quilombo Algodão	Pelotas
Faxinal e Quevedos	São Lourenço do Sul
Quilombo Cerro das Velhas	Canguçu
ARPASUL	Arroio do padre, Canguçu, Morro Redondo, Pelotas

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No manejo de plantas espontâneas, o controle total parece ser uma unanimidade entre a maioria dos produtores e técnicos, entretanto não é o que ocorre com os agricultores de base ecológica, onde se verificou que das 21 famílias entrevistadas, 16 consideram que as plantas espontâneas têm potencial de utilização benéfica, e apenas cinco famílias consideram que somente interferem na produção, corroborando com as observações de Fleck (2007), que na natureza não existe nada, planta ou animal, totalmente bom ou completamente mau, depende de cada caso, ou melhor, do contexto, das populações, da dinâmica e da evolução desses organismos nos sistemas específicos. Por que, então, não manter plantas espontâneas com baixo poder competitivo inicial com as culturas, desde que não sejam hospedeiras de doenças e insetos indesejados, e que ainda nos tragam inúmeros benefícios.

Dentre as principais espécies de plantas espontâneas citadas pelos informantes-chave e identificadas nas propriedades estão: *Poaceas* (19), *Amaranthus* sp. (13), *Bidens pilosa* (11), *Tagetes minuta* (6), *Galinsoga parviflora* (6), *Sida* sp. (3), *Portulaca oleracea* (3), *Polygonum* sp. (2) e *Rumex* sp. (2). Cada planta citada pelos (as) agricultores (as) apresenta seus benefícios potenciais, conforme pode ser observado no trabalho de Schott e Do Canto-Dorow (2011) que ressalta os benefícios dessas espécies desde que haja conhecimento e manejo correto das plantas nos sistema.

A Figura 1 apresenta as principais formas de utilização das plantas espontâneas citadas pelos informantes-chave, evidenciando a importância desta vegetação para os agricultores, sobretudo no manejo agroecológico dos sistemas produtivo.

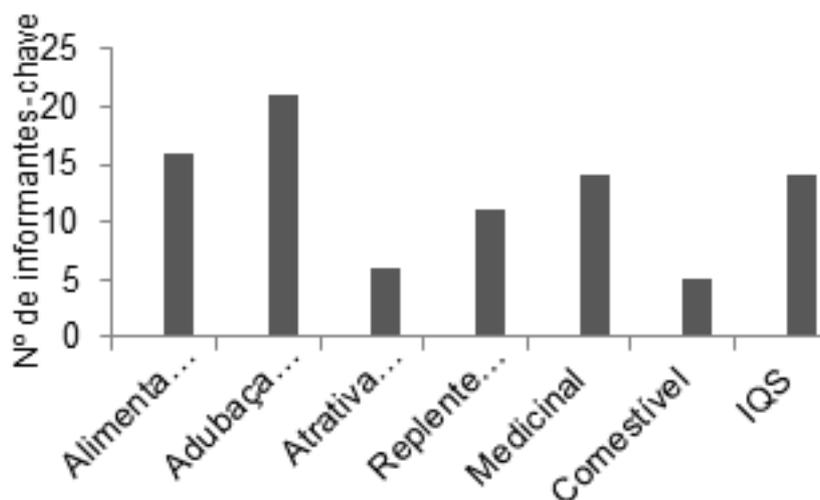


Figura 1. Principais formas de utilização das plantas espontâneas citadas pelos informantes-chave da pesquisa, janeiro-julho/2016, Pelotas, RS.

Quando se entende os mecanismos de interação ecológica dessas plantas com o agroecossistema,

os agricultores podem manejá-los adequadamente, potencializando os seus efeitos positivos, de forma que reduzam a necessidade de insumos externos, contribuindo para a redução dos custos e conseqüentemente aumentando a renda das famílias e melhorias ao ambiente. A manutenção dessa vegetação pode-se dar de diversas maneiras, dependente do contexto de cada agroecossistema, como ao redor dos cultivos, em faixas, entre canteiros ou em áreas de pousio, representando técnicas de manejo que podem ser adotadas para que não haja ausência total da flora nativa (PEREIRA; MELO, 2008).

Dentre os inúmeros benefícios, a relação da vegetação espontânea com os insetos, tanto atrativa como repelente, pode ser considerada um dos principais benefícios que estas plantas proporcionam, pois de acordo com Costello; Altieri, (1995) o efeito da comunidade de plantas espontâneas tem sido relatado como um dos principais mecanismos para evitar surtos populacionais de insetos indesejados, visto que os agricultores de base ecológica ainda sofrem com a carência de pesquisas direcionadas ao enfrentamento adequado para o ataque de insetos fitófagos (ZEHNDER et al., 2007). Nesse contexto, a manutenção de plantas espontâneas, nas suas mais diversas maneiras, favorece a conservação e o aumento do controle biológico natural promovendo a estabilidade nos agroecossistemas de forma mais sustentável.

Contudo, apesar de desempenharem papéis tão importantes, as funções das plantas espontâneas nos agroecossistemas carecem de pesquisas que visem elucidar de forma mais abrangente a complexidade das inter-relações estabelecidas com os cultivos principais e a cadeia trófica dos sistemas de produção.

CONCLUSÕES

Identificar as plantas espontâneas como “daninhas” vai depender muito da maneira como o agricultor realiza o manejo de sua área, pois pode ser amplamente exploradas, inclusive como fonte alternativa de renda. Portanto, há a necessidade de que se amplie e fomenta as pesquisas e ações de extensão com as plantas espontâneas, para que se aperfeiçoe seu aproveitamento e uso nos agroecossistemas.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. A.; SILVA, E. N.; NICHOLLS, C. I. **O papel da biodiversidade no manejo de pragas**. Ribeirão Preto: Holos, 2003. 226p.
- BÀRBERI, P.; BURGIO, G.; DINELLI, G.; MOONEN, A. C.; OTOO, S.; VAZZANA, C.; ZANIN, G. Functional biodiversity in the agricultural landscape: relationships between weeds and arthropod fauna. *Weed Research*, **Oxford**, v. 50, n. 5, p. 388–401, 2010.
- COSTELLO, M. J.; ALTIERI, M. A. Abundance, growth rate and parasitism of *Brevicoryne brassicae* and *Myzus persicae* (Homoptera : Aphididae) on broccoli grown in living mulches. *Agriculture, Ecosystems & Environment*, **Oxford**, v. 52, n. 2-3, p. 187–196, 1995.
- CUNNINGHAM, A. B. Applied Ethnobotany: People, Wild Plant use & Conservation. Conservation Manual. **People and Plants**. Earthscan, 2001.
- FLECK, N. G. “Minha Opinião: Herbologia”. **Revista Ciência das Plantas Daninhas**. v. 14, nº. 2, 2007. p. 9-10.
- MINAYO, M. C. de; DESLANDES, S. F. (Coord.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2002.
- LORENZI, H. **Plantas Daninhas do Brasil. Terrestres, aquáticas, parasitas tóxicas**. 4ª. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora LTDA, 2008.
- PEREIRA, W.; MELO, W. F. Manejo de plantas espontâneas no sistema de produção de hortaliças. Brasília: Embrapa Hortaliças, 2008, 8p. (**Circular Técnica, 62**).
- PITELLI, R. A.; PITELLI, R. L. C. M. Biologia e ecofisiologia das plantas daninhas. In: VARGAS, L.; ROMAN, E. S. (Eds.). **Manual de manejo e controle de plantas daninhas**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2004. p. 29-56.
- SCHOTT; DO CONTO-DOROW. Benefícios potenciais de plantas daninhas: uma perspectiva de educação ambiental. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**. V.4, n. 4, p. 524-529, 2011.
- TELES, S.; MARQUES, C. T. S.; MAIA, R. S.; SILVA, F. **Plantas espontâneas: identificação, potencialidades e usos**. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2013. 88 p.
- ZEHNDER, G.; GURR, G. M.; KÜHNE, S.; WADE, M. R.; WRATTEN, S. D.; WYSS, E. Arthropod management in organic crops. **Annual Review of Entomology**, Stanford, v. 52, p. 57–80, 2007.